

Título: A memória histórica da ditadura militar brasileira mediada pela telenovela *Amor e Revolução*.

DAYSE MACIEL DE ARAUJO*

A HISTÓRIA ORAL NOS TESTEMUNHOS DE *AMOR E REVOLUÇÃO*

As telenovelas brasileiras são assistidas por milhões de pessoas todos os dias. Baccega¹ relembra que a telenovela foi um produto midiático “antropofagicamente construído pelos brasileiros, que deglutiram as influências do circo, do folhetim e do cordel, da *soap opera*, dos cubanos e de Glória Magadã” e destaca sua originalidade e caráter inovador “da brasilidade que Beto Rockefeller instalou às novelas críticas dos tempos da ditadura, [...] quando dramaturgos como Dias Gomes e Lauro César², cassados do teatro, abrigam-se na televisão, dividindo o país em povoados onde se exercita a crítica e se prega a liberdade”. (BACCEGA, 2001:357).

A telenovela *Amor e Revolução*, produzida e levada ao ar pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT, 2011-12) retratou histórias da ditadura militar brasileira tanto pelas narrativas ficcionais como pelos testemunhos de pessoas que protagonizaram aquele período. Simultaneamente os meios de comunicação colocavam em pauta a memória de acontecimentos relacionados à supressão dos direitos humanos ocorrida durante o chamado “anos de chumbo”.

Relembramos que em 2011 foi aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pela presidente Dilma Rousseff a lei que criou a “Comissão da Verdade”.

A comissão criada com o objetivo de apurar violações aos direitos humanos ocorridas no período entre 1946-88, que inclui a ditadura militar (1964-85) estimulou, mesmo antes de sua instalação formal, o debate ideológico à luz dos fatos que, até então, estavam sob sigilo ou

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo.

¹ BACCEGA, Maria Aparecida. Aproximações à telenovela, os encontros de resignificação. In: *Comunicação e multiculturalismo*. Cílicia Maria Krohling Peruzzo e José Benedito Pinho (Orgs.). São Paulo: Intercom Universidade do Amazonas (Manaus/AM), 2001, p. 353-378.

² MUNIZ, Lauro César. Nos bastidores da telenovela. *Comunicação & Educação*, n. 4. São Paulo, CCA/ECA-USP; Moderna, set./dez. 1995, p. 94-103.

sem divulgação para os espectadores. Recorremos a Baccega³ para apoiar nossa ideia: a trama ficcional, acrescida de história oral, fez parte do cotidiano dos receptores:

A telenovela reflete/refrata o contexto social, respeita o tempo e espaço históricos da sociedade da qual emerge e trata dos grandes temas do cotidiano, os quais são alçados à condição de elementos do universo ficcional. Tem sua verossimilhança construída no interior da narrativa. É desse modo que a ficção colabora, ela também, com a atualização dos mitos fundadores da nacionalidade principalmente no âmbito dos valores. (BACCEGA, 2012:1298).

Articulamos a essa reflexão o pensamento de Renata Pallottini, profunda conhecedora da teledramaturgia brasileira, para quem “a telenovela tem tido, no Brasil, um espécie de coautoria: a da realidade e a da sociedade”. (PALLOTTINI, 2012:66).

O militarismo de 1964-85 ficou marcado como um período de perseguição, prisões arbitrárias, tortura e morte institucionalizada nos porões da ditadura. A luta armada contra o militarismo instaurou-se fortemente nas guerrilhas, que reuniam cidadãos em diversas organizações articuladas para combater o regime. Detalhes dos combates foram gravados e veiculados ao final dos primeiros sessenta e seis capítulos de *Amor e Revolução*.

Na opinião de Eugênio Bucci⁴, jornalista e professor do curso de Jornalismo na ECA-USP e na ESPM-SP, a novela não teve qualidade estética, mas revelou aspectos positivos, principalmente pelos depoimentos apresentados:

Ao fim de cada capítulo, seres humanos reais, tanto aqueles que defenderam o regime militar como os que o enfrentaram e sobreviveram, dão depoimentos detalhados, em primeira pessoa. Nisso, no uso que faz de testemunhos de gente de verdade ao fim dos capítulos, o SBT apenas copia sem a menor cerimônia a fórmula que fez escola em novelas da Globo, mas, desta vez, o que temos são relatos das vítimas da tortura, num nível de profundidade e numa extensão que nunca se viu na TV brasileira. Apenas por esses depoimentos, *Amor e Revolução* já teria valido. Ela ajuda o país a desvelar o tabu, a libertar dos arquivos mortos um assunto que os brasileiros têm o direito de conhecer (BUCCI, 2011).

³ BACCEGA, M. A. Ressignificação e atualização das categorias de análise da “ficção impressa” como um dos caminhos de estudo da narrativa teleficcional. *Comunicación*. Sevilha, v. 1, n. 10, pp.1290-1308, 2012.

⁴ BUCCI, Eugênio. “Inestimável novela péssima”. *O Estado de S. Paulo*, Caderno Aliás, São Paulo, 17/04/2011, p. J6.

Os fatos representados e os testemunhos dividiram as opiniões dos que defendem ou são contrárias ao regime de governo daquele período. Este embate ideológico de caráter político, histórico e social esteve presente tanto nas vozes dos “personagens reais” quanto nos comentários de visitantes dos vídeos dos testemunhos postados no YouTube. Os signos verbais utilizados nos discursos nos remetem ao que disse Bakhtin sobre a “arena das lutas de classes”. Em suas palavras:

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais no limite de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a *luta de classes*. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes (BAKHTIN, 2009:46).⁵

Analisamos alguns depoimentos levados ao ar acompanhados dos comentários dos internautas. Nossa escolha baseou-se na relevância dos “personagens reais” no cenário político tanto da década de 1960 como na atual.

Os comentários de internautas postados no YouTube foram organizados por categorias: posicionamentos ideológicos, valores da sociedade, o papel dos meios de comunicação no resgate do passado, dentre outros. Ressalte-se que não editamos e nem corrigimos os comentários mesmo quando estes apresentaram erros ortográficos, pois a maneira como foram redigidos tem muito significado.

Na batalha pela memória observamos que a seção de “Comentários” relacionados aos testemunhos destes “personagens reais” foi alvo de manifestações de internautas que os ofenderam, os atacaram, os defenderam, os “denunciaram” relatando outros fatos ocorridos no passado e questionaram suas condutas no presente. De certa maneira inferimos que os visitantes do *site* também assumem o papel de narradores e interpretadores da história ao exporem os seus conhecimentos e as suas opiniões.

⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009.

Percorreremos as análises dos testemunhos com base nos conceitos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa para interpretação das linguagens.

Depoimento da jornalista Rose Nogueira⁶

Figura: Jornalista Rose Nogueira

Fonte: Telenovela Amor e Revolução. Site *YouTube.com*



A fala de Rose, bastante expressiva, é acompanhada de gestos que ora dirige a si própria para falar da amamentação, ora representa com as mãos o sadismo do seu torturador. Olha, com dignidade, para a câmera como se estivesse frente a frente com o espectador mesmo quando relata sua experiência traumática.

Rose Nogueira foi militante da Aliança Libertadora Nacional⁷ (ALN). No dia 9 de dezembro de 1969, a jornalista estava presa no DEOPS de São Paulo e a empresa onde trabalhava (Folha de São Paulo) demitiu Rose por “abandono de emprego”. Hoje, luta pelos Direitos Humanos – denuncia abusos e torturas da polícia contra o povo simples da periferia – e em 2009 tornou-se presidente do grupo “Tortura nunca mais”. Seu testemunho:

⁶ AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. Depoimento de Rose Nogueira. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=52YC9asSMKQ>>. Acesso em: 09/02/2013.

⁷ A Ação Libertadora Nacional (ALN) era vinculada aos nomes de Marighella e Câmara Ferreira. De 1965 até quase a véspera de sua morte, no final de 1969, Marighella conjugou o dinamismo de revolucionário prático a uma produção literária exuberante. Através dos seus (textos) assinados e não assinados, pode-se acompanhar o próprio pensamento que deu origem e forma à ALN: o primeiro princípio é o da ação. É a ação que faz a organização e a desenvolve. Ação significa violência revolucionária, luta armada, guerrilha. Fonte: GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1998, p. 104.

“A minha participação política na resistência brasileira foi muito, muito, muito marcante em toda minha vida. [...] Eu fui presa, um pouco antes eu estava grávida, meu filho tinha 33 dias. Eu sofri torturas físicas horríveis e muito mais na área moral, sevícia, sexual e apanhei muito. [...] Se tem uma coisa que os torturadores tinham razão era dizer que marca de tortura não passa, não passa, nem a marca física. Sempre vai ter uma coisa lá; mas a de dentro jamais, não passa. [...] Fui editora internacional sob a direção do Vladimir Herzog e, quando mataram o Vlado, eu já não aguentava mais perder tantos amigos. [...] Hoje a Presidente Dilma Rousseff, então, uma de nós, uma das donzelas da torre lá do presídio Tiradentes, virou Presidente da República. Nós tínhamos toda razão.”

Análise do Discurso

O lugar de fala: autoimagem de quem diz baseado na imagem que se tem de quem vai ouvir

Pela voz de um internauta que postou um comentário no YouTube observamos sua coerência em termos ideológicos ao dirigir-se aos espectadores que se solidarizam com sua experiência e luta na atualidade: *“Sei o que a Rose sofreu, porque tive parente que caiu nas mãos dos sanguinários do DOI-Codi. Que este sofrimento sirva para lutarmos sempre pela continuidade da democracia.”* cajujornalista, 1 ano atrás.

Dito/não dito: interdiscurso (memória) que determina o intradiscurso

Com seu depoimento em uma telenovela do SBT, Rose integra a parcela da sociedade que se organiza e não deixa cair no esquecimento o que aconteceu criminosamente nos “porões da ditadura”. A jornalista reforça sua atuação política como presidente do grupo “Tortura nunca mais”.

Esquecimento semiconsiente: escolha do modo de falar

Ao dizer “*eu sofri torturas físicas horríveis e muito mais na área moral, sevícia, sexual*”, compreensivelmente, a jornalista evitou usar a palavra “estupro” em função de uma lembrança que não se apaga como ela mesma contou: “*a de dentro jamais, não passa*”.

O intradiscursos no contexto da atualidade

Na frase “*hoje a Presidente Dilma Rousseff, então, uma de nós, uma das donzelas da torre lá do presídio Tiradentes, virou Presidente da República*”, Rose não esconde o orgulho que sente ao ver uma companheira de luta ocupando o mais alto cargo do Poder Executivo. O sentido de união e companheirismo revela-se na paráfrase “donzelas da torre” para designar as que estavam presas no primeiro andar do antigo presídio Tiradentes de São Paulo. Obviamente não se tratava de princesas dos contos de fada.

Depoimento do Coronel Sebastião Curió⁸

Figura: Coronel Sebastião Curió

Fonte: Telenovela *Amor e Revolução*. Site *YouTube.com*



No vídeo a voz do Coronel Sebastião Curió é trêmula e sua retórica denota sua convicção nos objetivos da “Revolução de 1964”, como denominam os que defendem o golpe de Estado. Parte de seu depoimento:

⁸ AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. Depoimento do Coronel Sebastião Curió. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=XGBBCTiniTU>>. Acesso em: 09/02/2013.

“A revolução de 64 foi um atendimento das forças armadas, do Exército ao chamamento do povo, a marcha da família com Deus pela liberdade nas grandes cidades, nas praças pedia às forças armadas que dessem um basta àquela situação em que vivia o país, a ameaça de implantação da ideologia comunista no Brasil, a quebra da hierarquia nos quartéis, seríssimo, então houve necessidade, o exército não tomou a iniciativa, as forças armadas atenderam ao pedido do povo na rua, então foi muito importante, muito importante, era o choque entre a ideologia comunista que foi um fracasso no leste europeu e no mundo todo e o capitalismo, que eu não concordaria com o capitalismo selvagem, mas o capitalismo, a democracia, isso foi muito importante para o país e para Nação. [...] Se o regime cometeu algum abuso, eu acho que foi um abuso muito leve comparado com o que cometeu Fidel Castro em Cuba com el paredón e comparado com o que cometeu Stálin na União Soviética com as mortes na Sibéria, então se houve excesso aqui não se compara com o excesso cometido pela ideologia comunista no mundo todo”

Análise do Discurso

O lugar de fala: autoimagem de quem diz baseado na imagem que se tem de quem vai ouvir

Ao afirmar que *“a revolução de 64 foi um atendimento das forças armadas, do Exército ao chamamento do povo, a marcha da família com Deus pela liberdade nas grandes cidades”* claramente se coloca ao lado da população urbana, católica e defensora dos militares como governantes do Brasil. A parcela da população civil que apoiou, e ainda apoia, um governo autoritário são os destinatários do discurso de Curió.

Dito/não dito: interdiscurso (memória) que determina o intradiscurso

De forma implícita e não dita, Curió reconheceu que houve violência contra os direitos humanos sem jamais mencionar as palavras *“ocultação de cadáveres”, “tortura”, “sequestro”, “assassinato”* – de pessoas contrárias às práticas impostas pelo governo militar: *“se o regime cometeu algum abuso, eu acho que foi um abuso muito leve”*.

Em substituição aos termos mais dramáticos, o militar lança mão do sentido polissêmico da palavra “abuso” que tanto pode significar uma irreverência (por exemplo, fulano é abusado) como uma grave violação de um direito humano que é ter direito à vida. Ao revelar seu arquivo pessoal sobre a “Guerrilha do Araguaia”, Curió⁹ lembra que a ordem dos escalões superiores era tirar de combate todos os guerrilheiros. “A ordem de cima era que só sairíamos quando pegássemos o último.”

Esquecimento inconsciente de caráter (ideológico): silêncio, censura no dizer

Curió silenciou sobre a Guerrilha do Araguaia no início dos anos 1970 quando um grupo ligado a partidos de esquerda e moradores da região foram brutalmente assassinados e, até hoje, vários estão desaparecidos: “*o que cometeu Fidel Castro em Cuba com el paredón e comparado com o que cometeu Stálin na União Soviética com as mortes na Sibéria, então se houve excesso aqui não se compara com o excesso cometido pela ideologia comunista no mundo todo*”.

Esquecimento semiconsciente: escolha do modo de falar

Nesse discurso “*a quebra da hierarquia nos quartéis, seríssimo, então houve necessidade, o exército não tomou a iniciativa, as forças armadas atenderam ao pedido do povo na rua*” Curió omite a luta interna dentro das Forças Armadas contra os que defendiam os direitos dos soldados e marinheiros de terem voz. Estes apoiavam o ex-presidente João Goulart e sua política de inclusão, contrariando os interesses dos setores mais conservadores. Estes posicionamentos foram analisados na tese de doutorado de Wilma Antunes Maciel¹⁰ a qual analisou a atuação dos agentes políticos militares de esquerda daquele momento:

⁹ Site Estadão.com.br. Curió abre arquivo e revela que Exército executou 41 no Araguaia, 20/06/2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,curio-abre-arquivo-e-revela-que-exercito-executou-41-no-araguaia,390566,0.htm>>. Acesso em: 10/01/2013.

¹⁰ MACIEL, Wilma Antunes. *Militares de esquerda: formação, participação política e engajamento na luta armada (1961-1974)*. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

No período anterior ao golpe civil militar de 1964, que derrubou o governo do presidente João Goulart, vivenciaram com grande intensidade uma contradição entre seu papel de militar, idealizado pelas instituições, de mantenedor da ordem social vigente, e as aspirações e lutas de sua classe de origem. Esses militares foram cassados ou deixaram as Forças Armadas após o golpe, outros permaneceram na ativa e foram presos por estarem ligados a grupos armados. (MACIEL, 2009, p. 8).

Depoimento do ex-senador Jarbas Passarinho¹¹

Figura: Ex-senador Jarbas Passarinho

Fonte: Telenovela Amor e Revolução. *Site YouTube.com*



Pelo cenário, o testemunho de Jarbas Passarinho foi gravado fora de um estúdio, talvez seu escritório. Ao fundo aparecem imagens de condecorações. Apesar da dificuldade para falar, pela respiração entrecortada, pelo olhar, revela sua indignação (“do meu ponto de vista como senador que fui fazendo a defesa do texto da anistia”) por não ser lembrado como um benfeitor do Brasil. Jarbas Gonçalves Passarinho é um militar, chegou a tenente-coronel quando da deposição de João Goulart, e ocupou cargos políticos: governador do Pará, ministro do Trabalho e Previdência Social no governo Costa e Silva, ministro da Educação no governo Médici e, nessa condição, foi signatário do “Ato Institucional nº 5”. Presidiu o Senado Federal de 1981 a 1983 e foi nomeado ministro da Previdência Social pelo presidente João Figueiredo. No governo de Fernando Collor foi ministro da Justiça. Sua fala:

¹¹ AMOR E REVOLUÇÃO. *Site YouTube.com*. Depoimento de Jarbas Passarinho. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=XGBBCTiniTU>>. Acesso em: 09/02/2013.

“Primeiro que [?] não tenhamos conseguido passar dos 40 anos sair como quem sai de uma trincheira de combate naquele momento; no ânimo, na disposição e, sobretudo, do ponto de vista daqueles que se deixam entregar ao maniqueísmo que dizem que essa parte da vida brasileira foi feita pelos maus. Nós somos o bem, estamos fazendo a nossa (parte), ainda não tivemos a resposta devida e outra mais ainda, do meu ponto de vista como senador que fui, fazendo a defesa do texto da anistia, nós temos a dignidade de ter colocado lá que os crimes conexos, então se eles são conexos, são os dois lados e até agora não se fala do outro lado. O outro lado nunca foi criticado, nunca foi mostrado, quantos crimes foram praticados aí? Crimes coletivos como o do atentado de Guararapes e como individuais! Aquelas pessoas foram todas mortas. É um terrorismo individual; não sei por que não mostra isso.”

Análise do Discurso

O lugar de fala: autoimagem de quem diz baseado na imagem que se tem de quem vai ouvir

Para a ADF, o lugar de onde fala o sujeito é constitutivo de seu dizer. Desse modo, Passarinho, que ocupou tantos cargos públicos de alta influência, relembra sua posição de ex-senador para conferir maior força ao seu discurso. Assim pontua Eni Orlandi: “Como nossa sociedade é constituída de relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2010:40)¹².

Em seu veemente discurso, no contexto da democracia atual, Passarinho defende os militares e também desafia quem é contra a “revolução” de 1964. No “diálogo” pela internet o sujeito locutor recebe a resposta de internautas receptores que também não deixam dúvida sobre suas ideologias:

***A favor dos militares:** “Com o advento da Anistia, os Militares voltaram aos quartéis e a história passou a ser contada por um lado e instituiu-se este lado como as vítimas sem*

¹² ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

mencionar suas atrocidades. [...] Todos os depoimentos narram fatos após a prisão, mas ninguém conta o que fez antes da prisão.” Charliehertz, 1 ano atrás.

Contra os militares: *“Maniqueísmo é o ***** !! Tudo ocorreu em resposta a opressão e tortura deliberada que vocês praticaram. E ainda ficam fazendo essa cara de santo, como se tivessem sido vítimas!” Anderson Tavares, 8 meses atrás.*

Esquecimento inconsciente (silêncio) e semiconsciente: escolha do modo de falar

Sobre a lei da anistia, Passarinho interpela os espectadores com a fala: *“Nós temos a dignidade de ter colocado lá que os crimes conexos (crimes que estão em relação de causa e efeito porque um é cometido durante a execução do outro), então se eles são conexos, são os dois lados e até agora não se fala do outro lado. O outro lado nunca foi criticado, nunca foi mostrado, quantos crimes foram praticados aí?”*

Nesse sentido, o historiador Daniel Aarão Reis¹³ problematiza a construção da memória no contexto do sistema democrático de governo e denomina essas discussões de “batalhas de memória”, ou seja, em função da visão de diferentes grupos sobre o período militar. Por outro lado, Passarinho silencia e, ao mesmo tempo, admite a prática institucionalizada de matar opositores da ditadura.

Avaliando os depoimentos do Coronel Curió e do militar da reserva, Jarbas Passarinho, convém registrar que eles foram os únicos a se referir ao enorme contingente da população civil que apoiou a ditadura naquele período embora não assumam hoje, publicamente, esse fato. Da mesma forma questionaram os opositores ao regime militarista sobre seus erros, encontrando na voz dos internautas o eco às suas mensagens. Sobre esse

¹³ REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru/SP: Edusc, 2004.

ponto de vista destacamos a visão do historiador e ex-militante da luta armada, Daniel Aarão¹⁴:

Na gênese da ditadura, tende-se a apagar o grande embate social. O projeto reformista revolucionário evaporou-se, transformado em um fantasma. As esquerdas foram vitimizadas. Os amplos movimentos sociais de direita, praticamente apagados. Os militares, estigmatizados gorilas, culpados únicos pela ignomínia do arbítrio. A ditadura, quem apoiou? Muito poucos, raríssimos, nela se reconhecem ou com ela desejam ainda se identificar. Ao contrário, como se viu, todos resistiram. Mesmo a esquerda revolucionária transmutou-se numa inventada resistência democrática de mãos armadas (REIS, 2004:50).

Depoimento do senador Aloysio Nunes Ferreira¹⁵

Figura: Senador Aloysio Nunes Ferreira

Fonte: Telenovela Amor e Revolução. *Site YouTube.com*



Em seu discurso Aloysio Nunes começa apresentando seu lugar de fala como membro do Congresso Nacional na posição de senador por São Paulo. Fala pausadamente demonstrando equilíbrio e clareza em suas explicações ao se referir ao seu passado como

¹⁴ Daniel Aarão Reis Filho iniciou sua militância no Movimento Revolucionário 8 de outubro em 1969. Nesse período, foi suspenso por mais de três anos da Universidade Federal do Rio de Janeiro onde cursava Direito. Exilou-se na Argélia e viajou por inúmeros países durante o exílio, como Cuba e Panamá, e terminou por fazer graduação em Paris, onde se formou em História e fez mestrado na mesma área. Em seguida, foi para Moçambique exercer a função de professor universitário.

¹⁵ AMOR E REVOLUÇÃO. *Site YouTube.com*. Depoimento de Aloysio Nunes Ferreira Filho. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=HOeQvoUjP0I>>. Acesso em: 09/02/2013.

militante da luta armada contra o regime militar. Seu tom de voz fica mais firme e mais enérgico quando enfatiza que a luta armada foi um erro político. Seu testemunho:

“Meu nome é Aloysio Nunes Ferreira; eu sou senador por São Paulo. Comecei a militar no movimento estudantil em 63, quando entrei na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. [...] Eu fiz parte da formação inicial do núcleo da ALN; participei das primeiras ações armadas. Nessa época houve um mandado de prisão preventiva contra mim, expedido pela Auditoria Militar aqui em São Paulo; eu precisei sair do Brasil. Saí, fui condenado a três anos de prisão, 10 anos de cassação de direitos políticos. [...] Não me arrependo de nada! Eu acho que o caminho da luta armada foi um caminho errado, foi um erro político. O povo brasileiro estava, em grande parte, digamos assim iludido pelo milagre brasileiro. Eu fiz aquilo que eu achava que era o meu dever fazer na época.

O estudante de Direito na USP, Aloysio Nunes, começou a militância política em 1963. Logo depois do golpe militar de 1964, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Como o PCB se opunha à resistência armada contra a ditadura militar Aloysio Nunes ingressou na Aliança Libertadora Nacional (ALN), organização guerrilheira liderada por Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira. Exilou-se e tornou-se representante da ALN no exterior. Pôde regressar ao Brasil em 1979 devido à promulgação da “Lei de Anistia”, a qual beneficiou todos que cometeram crimes políticos de qualquer tipo. Foi deputado estadual e federal, vice-governador de São Paulo, candidatou-se à prefeitura de São Paulo em 1992, duas vezes ministro de Estado, secretário municipal e chefe da Casa Civil de São Paulo. Em 2010, Aloysio foi eleito senador pelo PSDB-SP.

Comentários dos internautas

Discursos a favor dos militares

“O Senhor deve ter participado também da desinformação que vive o Brasil hoje, para começar tiraram das escolas as matérias que ensinavam o que é e o que são raça política brasileira, que foi a OSPB - Organização Social e Política do Brasil, depois e para completar

acabaram com EMC - Educação Moral e Cívica. Tive essas matérias, para os jovens só resta acreditar em senhores iguais a esse senador...” gabrielexplorer, 1 ano atrás.

Discursos contra os militares

Não aparecem. Em nossa opinião foram retirados, baseado no que observamos em relação a outros depoimentos. Apesar de o vídeo postado no YouTube registrar 851 acessos encontramos apenas 3 comentários de internautas sendo 2 *spams* padronizados os quais não levamos em consideração nas nossas análises.

Análise do discurso

O ponto que mais chamou nossa atenção foi: *“Não me arrependo de nada! Eu acho que o caminho da luta armada foi um caminho errado, foi um erro político”.*

Em entrevista a um jornal em 2010, Aloysio Nunes¹⁶ explica o porquê de hoje considerar que foi um equívoco ter participado da luta armada contra ditadura militar: *“A análise política daquele momento nos levou, tanto ela quanto a mim, a uma posição de ultraesquerda. [...] Foi uma ilusão achar que o povo brasileiro estava pronto para pegar em armas contra a ditadura. Vendo isso retrospectivamente foi um profundo equívoco, uma análise falsa e subjetivista que nos levou a um grande desastre. Muita gente morreu.”*

Em entrevista a jornalistas do Programa Roda Viva¹⁷ da TV Cultura, em 2010, o senador reforçou sua opinião de ter se equivocado ao participar da luta armada explicando que “comete-se erros políticos todos os dias” e não se sente constrangido ao reconhecer isso. O historiador Jacob Gorender¹⁸ com outras palavras opinou sobre a impossibilidade de a luta armada teria de derrubar os militares do poder.

¹⁶ FERREIRA, Aloysio Nunes. Somos lobo com pele de lobo. Entrevista a Julia Duailibi. *O Estado de S. Paulo*, notícias, Brasil, 09/04/2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,somos-lobo-com-pele-de-lobo,535967,0.htm>>. Acesso em: 27/01/2013.

¹⁷ TV CULTURA. *Programa Roda Viva*, entrevista de Aloysio Nunes Ferreira Filho, 19/10/2010. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=d3wQLxcRztk>>. Acesso em: 27/01/2013.

¹⁸ GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1998.

Não é o caso, contudo, da avaliação do que significou a luta armada dos anos 60 e 70. Com muita propriedade, Apolônio de Carvalho, no seu livro de memórias, chamou-a de *protesto armado*. Objetivamente, a esquerda não tinha condições sequer mínimas para o enfrentamento pelas armas com a ditadura militar. O que conseguiu fazer, em termos concretos, foi protestar com atos de violência, em resposta à violência terrorista institucionalizada pelos generais (GORENDER, 1998:290).

Esquecimento inconsciente (silêncio) de caráter ideológico e semiconsciente: escolha do modo de falar

Aloysio Nunes não mencionou o episódio que ficou conhecido como o massacre¹⁹ do Carandiru ocorrido na penitenciária da cidade de São Paulo em 02/10/1992, véspera da eleição municipal. Naquele pleito, Aloysio Nunes concorria ao cargo de prefeito de São Paulo. O governo estadual paulista foi acusado de retardar a divulgação do número de mortos na rebelião para não atrapalhar a votação em seu candidato. Quando a contagem foi concluída, o Brasil conheceu a dimensão da tragédia: 111 presos mortos a tiros por policiais militares. Analistas políticos consideram que Aloysio Nunes foi omissos nesse episódio em função de seu cargo de vice-governador.

Depoimento do advogado Carlos Araújo²⁰

Figura: Advogado Carlos Araújo

Fonte: Telenovela Amor e Revolução. *Site YouTube.com*

¹⁹ O massacre da Casa de Detenção de São Paulo ou “massacre do Carandiru”, como foi popularizado pela imprensa, ocorreu no dia 2 de outubro de 1992, quando uma rebelião causou a morte de cento e onze detentos pela Polícia Militar do Estado de São Paulo.

²⁰ AMOR E REVOLUÇÃO. *Site YouTube.com*. Depoimentos de Carlos Araújo. Disponíveis em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=EMSBKx1-rhg>>; <<http://www.YouTube.com/watch?v=dIGFv--nvKM>>. Acesso em: 09/02/2013.



O depoimento do advogado Carlos Araújo foi divulgado pela imprensa como o “testemunho do ex-marido da atual presidente da República” e este é o aspecto que ressaltamos na formação discursiva, o relato foi feito em nome de si próprio e também, de maneira implícita, em nome da atual chefe do Poder Executivo. O *lettering* que o apresentou indicava: “Carlos Araújo, ex-marido de Dilma Rousseff”. Os vídeos que estão no YouTube foram uns dos mais acessados, até outubro de 2012 somavam mais de 25 mil acessos.

Carlos Franklin Paixão de Araújo, advogado, foi casado com a presidente Dilma Rousseff por mais de 25 anos. Participou da *Juventude Comunista* na adolescência, integrou o comando de uma organização armada contra a ditadura militar, passou quase quatro anos como preso político e foi três vezes deputado estadual pelo PDT gaúcho. Hoje, aos 74 anos, Carlos Franklin Paixão de Araújo é dono de um escritório de advocacia. Seu discurso:

“Eu tenho muito orgulho, além de ser companheiro da Dilma por esse tempo todo nós sempre nos identificamos muito, até hoje nos identificamos. [...] Sempre fui uma pessoa de esquerda, então, com a ditadura não tinha outra saída a não ser partir para a luta armada, tentar enfrentar a ditadura de frente. Nós formamos uma organização nacional chamada Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Nós praticávamos ações de expropriação, conforme nós chamávamos, nos bancos, nós íamos buscar dinheiro nos bancos, nós queríamos ter dinheiro para comprar armas [...] uma luta difícil, mas acabou sendo exitosa. Dilma foi presa lá na frente do Estádio, em São Paulo, bem na frente, e, como todos os

demais foi torturada, lá na OBAN.[...] Eu moro em uma casa na beira do rio, esse rio aqui tem seis quilômetros. Lá, no outro lado, fica uma cidadezinha chamada Guaíba; bem no meio do rio tem uma ilha, ilha-presídio e ilha presídio político. Por aqui, no Rio Grande do Sul, que os presos políticos vieram.”

Comentários²¹ dos internautas

Talvez pelo fato de o passado ser muito recente, as vozes de alguns sujeitos que se manifestaram no YouTube denotam certa dificuldade para “recordar” o período do regime militar, possivelmente, voltados para interesses políticos do presente. Observamos que as interpretações reforçam as “batalhas” pela memória preocupando-se mais em defender ou desqualificar o sujeito enunciatário do que a compreender a história oral como um processo de construção histórico-social.

Discurso a favor dos militares

“Não pilantra, a “luta” não foi exitosa. O Brasil não foi transformado numa maldita Cuba, [...] Graças, quem diria!, ao militares o Brasil foi preservado do comunismo.” edgestontombstone, 1 mês atrás.

“Viva os heroicos militares... Brasil..” mario santo, 1 mês atrás.

Discurso contra os militares

“Tem quem diga que são terroristas cruéis, que mataram muito mais que militares. Só que foram os únicos que o fizeram com dignidade e com razão.” Ina Ghilán, 1 mês atrás.

“Essa mesma ditadura que ‘defendia’ o Brasil contra o comunismo, mui democraticamente PRENDEU e TORTUROU quem era E QUEM NÃO ERA militante de esquerda! Não sei se seus defensores são desinformados, cínicos....” Dan1990keto, 9 meses atrás.

²¹ AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. Comentários relacionados ao depoimento de Carlos Araújo. Disponível em: <http://www.YouTube.com/all_comments?v=TC3uJCHZjA0>. Acesso em: 04/12/2012.

Como vimos a interpretação do passado pelos “receptores/comentaristas” demonstrou-se conflituosa e fragmentada. Percorrer estes discursos, relacionados ao depoimento de Carlos Araújo, foi fundamental para contemplar o resgate da memória pela telenovela marcada pela “contradição”.

Outros pontos de vista chamaram nossa atenção vinculada à preocupação sobre o presente nas reflexões dos sujeitos receptores. Se o passado serve para reivindicar outras soluções para o futuro de convivência social mais justa e harmoniosa, ou menos trágica, recorremos a Roger Silverstone²² para situar os questionamentos feitos pelos espectadores sobre a coerência entre os atos passados e a realidade da sociedade em que se encontram:

Lembranças são postas em dúvida e contestadas, embora em algum lugar sempre haja uma alegação de que há realidade fora da memória para agir como juiz e júri. Mas sabemos (não sabemos?) que fatos históricos só têm importância na medida em que têm importância, e nessa importância, é uma questão de valor, não de verdade (embora a verdade, claro, seja um valor) (SILVERSTONE, 2005:233).

Alguns compararam os confrontos da luta armada entre militaristas e opositores durante a ditadura à “guerra” entre bandidos e pessoas da sociedade, no cenário atual, em disputa por bens materiais (“Atualmente esse é o quadro do Brasil, com 50 mil mortes por ano”) e atendimento público para o tratamento da saúde com dignidade: “para um pai o mãe que perde seu filho na fila do sus, sofre mais do que se tivesse perdido em uma luta armada”. Outra pessoa questiona, sob o ponto de vista moral, as justificativas para assaltar bancos, para ele/ela “roubou banco ou roubou qualquer outra coisa é ladrão”.

Finalmente destacamos os discursos nos quais os receptores críticos apontam a retórica da linguagem midiática como instrumento de persuasão: “Eu sinceramente desconfio que tem cara que fica defendendo o pt na internet pq foi escalado pra isso.”; “Collor foi apoiado pela Globo (edição manipulada) e Veja (“caçador de marajás”, a revista que criou

²² SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Trad.: Milton Camargo Mota. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

esse apelido)”. Este mecanismo não necessariamente é indesejável em uma sociedade democrática conforme o pensamento do Silverstone²³:

Não existe, portanto, nenhuma contradição entre retórica e democracia, ou entre retórica e conhecimento. Pelo contrário, a retórica pressupõe e requer democracia; e na medida em que a retórica é tanto prática como crítica ela também a sustenta. A retórica é essencial tanto para o exercício do poder como para a sua oposição (SILVERSTONE, 2005: 65).

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DAS ANÁLISES DOS TESTEMUNHOS

Na visão de Marc Ferro o problema consiste “em se perguntar se o cinema e a televisão modificam, ou não, nossa visão da História”. Para o historiador “o objeto da História não é apenas o conhecimento dos fenômenos passados, mas igualmente a análise dos elos que unem o passado ao presente, a busca de continuidades, de rupturas.” (FERRO, 2010:181).

Os discursos testemunhais – materialidades discursivas da memória – de *Amor e Revolução*, devem ser encarados como um dos componentes para o entendimento do passado. Segundo a ADF, todo discurso é um jogo de imagens reveladas na ideologia dos dizeres, nos lugares ocupados pelos sujeitos na sociedade e nos discursos dos sujeitos com eles mesmos (comunicação não verbal). Jogo esse presente, como não poderia deixar de ser, nos discursos dos militares Sebastião Curió e Jarbas Passarinho assim como nas falas dos opositores à ditadura militar.

Identificamos os depoimentos como memória histórica e que foram incluídos na telenovela com o objetivo de conferir verossimilhança à narrativa ficcional. Porém, não podemos esquecer que os depoimentos foram inseridos em um produto midiático produzido para finalidades comerciais de uma emissora de televisão aberta, de pouco prestígio em teledramaturgia, e o mais importante: foram preparados, ensaiados e, provavelmente, foram editados.

²³ SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Trad.: Milton Camargo Mota. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 65.

Para os espectadores e enunciatários dos interdiscursos que circulam em nossa sociedade fica o papel de selecionar e reverberar os discursos como melhor lhe aprouver e fizer sentido.

REFERÊNCIAS

AMOR E REVOLUÇÃO. Site YouTube.com. Depoimento de Rose Nogueira. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=52YC9asSMKQ>>. Acesso em: 09/02/2013.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site YouTube.com. Depoimento do Coronel Sebastião Curió. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=XGBBCTiniTU>>. Acesso em: 09/02/2013.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site YouTube.com. Depoimento de Jarbas Passarinho. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=XGBBCTiniTU>>. Acesso em: 09/02/2013.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site YouTube.com. Depoimento de Aloysio Nunes Ferreira Filho. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=HOeQvoUjP0I>>. Acesso em: 09/02/2013.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site YouTube.com. Depoimentos de Carlos Araújo. Disponíveis em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=EMSBKx1-rhg>>; <<http://www.YouTube.com/watch?v=dIGFv--nvKM>>. Acesso em: 09/02/2013.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site YouTube.com. Comentários relacionados ao depoimento de Carlos Araújo. Disponível em: <http://www.YouTube.com/all_comments?v=TC3uJchZjA0>. Acesso em: 04/12/2012.

BACCEGA, M. A. Resignificação e atualização das categorias de análise da “ficção impressa” como um dos caminhos de estudo da narrativa teleficcional. *Comunicación. Sevilha*, v. 1, n. 10, pp.1290-1308, 2012.

BACCEGA, Maria Aparecida. Aproximações à telenovela, os encontros de resignificação. In: *Comunicação e multiculturalismo*. Cicilia Maria Krohling Peruzzo e José Benedito Pinho (Orgs.). São Paulo: Intercom Universidade do Amazonas (Manaus/AM), 2001, p. 353-378.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BUCCI, Eugênio. “Inestimável novela péssima”. *O Estado de S. Paulo, Caderno Aliás*, São Paulo, 17/04/2011, p. J6.

FERREIRA, Aloysio Nunes. Somos lobo com pele de lobo. Entrevista a Julia Duailibi. O Estado de S. Paulo, notícias, Brasil, 09/04/2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,somos-lobo-com-pele-de-lobo,535967,0.htm>>. Acesso em: 27/01/2013.

FERRO, Marc. Cinema e história. Tradução Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GORENDER, Jacob. Combate nas Trevas. São Paulo: Ática, 1998.

MACIEL, Wilma Antunes. Militares de esquerda: formação, participação política e engajamento na luta armada (1961-1974). 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MUNIZ, Lauro César. Nos bastidores da telenovela. Comunicação & Educação, n. 4. São Paulo, CCA/ECA-USP; Moderna, set./dez. 1995, p. 94-103.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PALLOTTINI, Renata. Dramaturgia de televisão. 2. ed.. São Paulo: Perspectiva, 2012.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru/SP: Edusc, 2004.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? Trad.: Milton Camargo Mota. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SITE Estadão.com.br. Curió abre arquivo e revela que Exército executou 41 no Araguaia, 20/06/2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,curio-abre-arquivo-e-revela-que-exercito-executou-41-no-araguaia,390566,0.htm>>. Acesso em: 10/01/2013.

TV CULTURA. Programa Roda Viva, entrevista de Aloysio Nunes Ferreira Filho, 19/10/2010. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=d3wQLxcRztk>>. Acesso em: 27/01/2013.